

10º CONCURSO

L*i*T*E*r*A*r*i*O

DA FACULDADE DE LETRAS



PUC
CAMPINAS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
Escola de Linguagem e Comunicação
Faculdade de Letras

ANTOLOGIA DO 10.º CONCURSO LITERÁRIO DA FACULDADE DE LETRAS
DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
— Edição 2024 —

Comissão Organizadora

Bruno Henrique Soares
Carlos Eduardo Pizzolatto
João Paulo Hergesel

Comissão Avaliadora

Ana Cláudia e Silva Fidelis
Cássia dos Santos
Christina de Toledo Zaccarelli
Cristina Betioli Ribeiro Marques
Eliane Fernandes Azzari
Eliane Righi de Andrade
Gabriela Strafacci Orosco
Renato Gonçalves Lopes

Decanato da Escola

Lindolfo Alexandre de Souza

Direção da Faculdade

Carlos Eduardo Pizzolatto

Secretaria da Faculdade

Bruno Henrique Soares

Revisão e Editoração

João Paulo Hergesel

Arte de Capa

Departamento de Comunicação

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

A634

Antologia do 10.º Concurso Literário da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas / Organização de Carlos Eduardo Pizzolatto, João Paulo Hergesel. – Campinas/SP: Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2024.

Livro em PDF

ISBN 978-65-87397-45-0

1. Antologia literária - Contos, Crônicas e Poemas. 2. Literatura brasileira. I. Pizzolatto, Carlos Eduardo (Organizador). II. Hergesel, João Paulo (Organizador). III. Título.

CDD 869.908

Índice para catálogo sistemático

I. Antologia literária - Contos, Crônicas e Poemas : Literatura brasileira

Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516

Pq. Rural Fazenda Santa Cândida | Campinas – SP | CEP: 13087-571

APRESENTAÇÃO

É com grande entusiasmo que apresentamos a Antologia do 10.º Concurso Literário da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, uma coletânea que reúne vozes emergentes e criativas, cada uma trazendo à tona suas experiências, reflexões e sentimentos mais profundos. A edição de 2024 é um testemunho da riqueza e diversidade da produção literária de nossos alunos, que, por meio de palavras, convidam-nos a embarcar em suas jornadas pessoais e coletivas.

Nesta antologia, os textos transbordam emoção e autenticidade, abordando temas que vão desde a luta cotidiana de um universitário até os desafios da solidão, da busca por identidade e do amor em suas múltiplas facetas. Cada autor, com sua singularidade, revela um universo particular que, por vezes, reflete a realidade coletiva de nossa sociedade. Os escritos aqui apresentados são mais do que simples narrativas; são convites à empatia, à reflexão e ao entendimento do outro.

Com estilos variados e abordagens inovadoras, os participantes deste concurso nos oferecem um olhar profundo sobre suas vivências, suas inquietações e suas esperanças. Os textos, que vão do lirismo à prosa poética, da crônica ao conto, nos mostram que a literatura é uma poderosa ferramenta de expressão e transformação, capaz de tocar o coração e a mente do leitor.

Agradecemos a todos os envolvidos na realização deste concurso — estudantes, professores e secretário — por sua dedicação e paixão pela literatura. Esperamos que esta antologia inspire novos leitores e escritores, e que as palavras aqui contidas ecoem além das páginas, ressoando nas vidas de todos que se dispuserem a lê-las.

Desejamos boas-vindas a esta celebração da escrita e da criatividade. Que as histórias aqui contadas iluminem suas reflexões e sirvam como incentivo para continuar explorando o vasto mundo da literatura.

Boa leitura!

Comissão Organizadora do 10.º Concurso Literário da PUC-Campinas

SUMÁRIO

CONTOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

- 1º lugar** **Entre aulas e sonhos: a jornada de um universitário**
Larissa Rayane Andrade de Oliveira
Faculdade de Odontologia
(p. 6)
- 2º lugar** **Nivaldo pensava...**
Paulo Antonio Gallucci
Faculdade de Ciências Econômicas
(p. 8)
- 3º lugar** **Insônia**
Maria Clara Alves Souto Maior
Faculdade de Letras (Licenciatura)
(p. 10)

CRÔNICAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

- 1º lugar** **Copos de plástico**
Bernadete de Lourdes Lopes Yamada
Vitalità – Centro de Envelhecimento e Longevidade
(p. 12)
- 2º lugar** **200 anos**
Mariana Benite Alves
Faculdade de Publicidade e Propaganda
(p. 13)
- 3º lugar** **Sachês de ketchup**
Elis Carrara Sampaio
Faculdade de Letras (Bacharelado)
(p. 15)
- Honra** **Hoje, eu te vi**
Ana Beatriz Pompeo Gutierre
Faculdade de Direito
(p. 16)

POEMAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

- 1º lugar** **O autoadmirador**
Gustavo Nunes Bortolozzo
Faculdade de Jornalismo
(p. 17)
- 2º lugar** **Coceira**
Giulia Maia Guimarães
Faculdade de Letras (Licenciatura)
(p. 18)
- 3º lugar** **O Rei Rato**
Guilherme Cruvinel Fonseca Maia
Faculdade de Letras (Bacharelado)
(p. 19)
- Honra** **Sobre a solitude**
Mariana Benite Alves
Faculdade de Publicidade e Propaganda
(p. 20)

MINICONTO EM LÍNGUA INGLESA

- 1º lugar** **It's kinda strange to fall in love**
Gabriel Del Roio Salema Palma
Faculdade de Publicidade e Propaganda
(p. 22)

POEMAS EM LÍNGUA INGLESA

- 1º lugar** **Hometown**
Rafaela Delpasso Godoy Sampaio
Faculdade de Letras (Licenciatura)
(p. 24)
- 2º lugar** **Ghoul**
Giovanna Rodrigues
Faculdade de Farmácia
(p. 27)

Entre aulas e sonhos: a jornada de um universitário

Larissa Rayane Andrade de Oliveira

Lucas acordou com o som insistente do despertador, que ecoava como uma sirene em sua mente ainda entorpecida pelo sono. As pálpebras pesadas resistiam em se abrir, e ele teve que reunir toda a força de vontade para se levantar. O quarto estava mergulhado na penumbra, o que fazia parecer que a noite ainda não havia terminado. Sua mochila, fiel companheira, aguardava ao lado da cama, como uma lembrança silenciosa das responsabilidades do dia.

Enquanto preparava seu café, a mente de Lucas já estava tomada pelas tarefas que o aguardavam. Provas, trabalhos, seminários... tudo se empilhava na sua cabeça, como uma montanha que ele precisava escalar diariamente. O café, forte e amargo, era o combustível que o manteria de pé, mas não fazia muito para dissipar o cansaço acumulado.

Na faculdade, Lucas era mais um rosto na multidão de estudantes que lotavam os corredores. Havia sorrisos, cumprimentos rápidos, mas, em muitos, ele via o mesmo peso nos olhos que carregava. As aulas se sucediam, cada uma trazendo novas informações e exigindo mais da sua capacidade de absorver conteúdo. Os professores, com sua sabedoria, pareciam lançar peças de um quebra-cabeça infinito que Lucas lutava para montar.

Durante os intervalos, ele encontrava refúgio na companhia dos amigos. Compartilhavam risadas e confidências, mas havia um consenso implícito de que todos estavam lutando para sobreviver à maratona acadêmica. Eram pequenos momentos de alívio, que logo eram seguidos pelo retorno à sala de aula, onde o tempo parecia sempre correr contra eles.

Apesar da pressão constante, havia momentos de luz. Uma ideia que fazia sentido, uma explicação que abria novas portas na sua mente. Essas pequenas vitórias alimentavam sua esperança, dando-lhe a força necessária para continuar. Em meio a tudo, Lucas encontrava apoio na sua fé, que o sustentava quando a dúvida ameaçava derrubá-lo. Era ela que, nas noites mais difíceis, o fazia lembrar por que havia escolhido esse caminho.

Ao final do dia, Lucas voltava para casa, exausto, mas com a mente ainda agitada. A rotina noturna não era diferente da matinal; abria os livros, fazia anotações, revisava conceitos. A madrugada era sua companheira silenciosa, e as páginas dos livros viravam ao ritmo do

tique-taque do relógio. O sono, quando vinha, era interrompido por pensamentos que corriam em círculos, como se sua mente estivesse sempre em alerta.

Mas, apesar de tudo, Lucas continuava. Cada dia era uma nova batalha, e ele sabia que estava caminhando em direção a algo maior. Mesmo sem saber ao certo onde a estrada o levaria, ele acreditava que o esforço valeria a pena. Porque, no fundo, sentia que estava construindo algo – um futuro que, embora incerto, era o fruto dos seus sonhos e das suas lutas diárias.

Essa crença era o que o mantinha de pé, o que o fazia seguir em frente, mesmo quando as forças pareciam falhar. E, assim, entre aulas e sonhos, Lucas vivia sua jornada, acreditando que, no final, tudo faria sentido. Porque viver o sonho, mesmo que apenas no esforço de alcançá-lo, já era, para ele, uma vitória.

Nivaldo pensava...

Paulo Antonio Gallucci

Eram 18h30, e Nivaldo permanecia preso a um trânsito inebriado, aguardando que o seu terceiro ônibus de volta para casa retornasse o quanto antes. Apesar disso, reflexionava acerca do que seu superior dissera: “é preciso inovar a sua escrita, ela não está rendendo como em sua entrada a esta empresa!”. O Departamento de Pessoal sabe ser bem incômodo em se tratando de acusar alguém de improdutivo. Portanto, para manter seus nobres dois salários mínimos e garantir o aluguel de sua ilustre moradia alocada no Satélite Íris, ponderava, naquele veículo estagnado, uma forma de renovar sua criatividade. Escrever crônicas não lhe era mais tão simples, o cotidiano lhe repetia identicamente todos os dias...

Do lado de fora de sua janela, uma chuva perene, que mais servia para diminuir a temperatura do que melhorar a qualidade do ar, banhava uma senhora, aparentemente cega, próxima a uma sarjeta, a mascar chicletes. Surgiu-lhe a inspiração na mente! Mas se desmotivou logo em seguida:

— Lispector já se aproveitou dessa! Maldito *Amor*...

Recordando-se de sua estante, lembrava também que nem mesmo seu mestre conseguira mais lhe inspirar, os *Bons Dias* de Assis não cativavam mais novas sinapses.

Tentando encontrar outras sugestões, virou seus olhos para o interior daquele abarrotado transporte público coletivo, tendo para agraciar a sua vista apenas roupas comuns e rostos embalsamados pelo cansaço e irritação diária. “Como pode que meu professor de história seja tão descontente com a própria vida?”. A pergunta não o surpreendia mais, de maneira alguma.

“Resta-me pobreza, política e roubo, temas da atualidade”, pensou ele. Mas nada disso seria o suficiente. Sabe ele, muito bem, que seus clientes não apreciam mais a unidade de uma obra só, mas desejam pagar o mínimo pela maior variedade de leitura. Escrever melhor só lhe assegurava o emprego. Comissão ou bonificação alguma receberia por se destacar em qualidade literária.

Ao chegar em seu caloroso imóvel de 25 metros quadrados, percebe que o relógio lhe nega o banho planejado e, então, prepara um lanche improvisadamente para enganar seu estômago até o fim das aulas noturnas. Despende mais duas passagens de ônibus, apesar de

se contentar com o menor número de passageiros, podendo seguir o caminho permanecendo sentado. Ainda ensurdecido por aquela miserável pastilha de freio que fora trocada recentemente, adentrou a sala de aula da universidade e notou a observação gravada no quadro negro: “Prova 3 (05/09) – escrita criativa e dinamização de textos”. Só poderia ter sido o seu chefe o auxiliar docente, pensou.

Às 23h, já havia retornado para casa e, com grande recusa vinda de seu próprio corpo, se banhado, dando-lhe em seguida a recompensa do descanso. Passou o restante da semana encucado nos próprios pensamentos, na esperança de encontrar uma solução para os seus problemas acadêmicos e ocupacionais.

Revisando seus antigos manuscritos e estudando com afinco os gostos da modernidade, com muita dificuldade, agraciara os critérios exigidos pelo seu superior, bem como uma média aceitável na avaliação. No imo, todavia, continuava insatisfeito com os seus dias, uma verdadeira “corda bamba”, como diria Conceição Evaristo. Os *Olhos d’água* que a autora descrevera eram um retrato dos olhos seus.

Em algum momento, essa corrida entre ansiedades e receios acabaria, imaginava. Talvez após a conclusão da faculdade, ou através de um emprego com melhores vencimentos. Mas, em seu coração, havia ainda a dúvida em relação à chegada de dias tranquilos. Por isso, Nivaldo pensava...

Insônia

Maria Clara Alves Souto Maior

Há muito tempo lhe haviam contado que o ruído era consequência da poeira nos sulcos do vinil, além de alguns microarranhões, mas raramente a nostalgia evocada pelo som era menor do que a clareza daquela voz esfumaçada.

O áudio estéreo era essencial para evocar a imersão. O céu noturno era o segundo elemento-chave para a hora de simular a experiência de dormir. Era como assistir a uma peça de teatro: as cortinas azuis eram abertas para o cenário escuro contracenar com os astros celestiais. As melhores noites eram aquelas em que as luzes se acendiam ao invés de apagarem. Não aquelas vindas do público que assistia ao espetáculo de seus planetas e centros urbanos, mas a do elenco que nem sabia que brilhava.

Claro que em dias e noites comuns Vivi não era tão poética. Ela era mais sutil pessoalmente: apenas encarava as estrelas. Encarava, não admirava. Quando estava tudo bem ela não entendia a graça de observar corpos que estavam há milhares, milhões e até bilhões de anos-luz de distância, constelações cuja maioria dos pontinhos luminosos já estava morta. Se ela estivesse como há uma semana, ela pensaria que acordaria com torcicolo se adormecesse na grama.

Mas essa não era uma noite comum. Se ela fechasse os olhos e se concentrasse, quase podia sentir a presença dele ao seu lado. O céu estava especialmente limpo, então certamente ele estaria apontando para as estrelas cadentes, explicando que o que víamos despontar no céu não eram estrelas, e sim rochas espaciais, chamadas de meteoroides. Explicaria que eles vagavam pelo espaço, em torno do Sol e próximo à Terra e, quando entravam em alta velocidade na atmosfera terrestre, entravam em combustão em virtude do atrito com outros elementos e viravam meteoros. Explicaria, também, que, para muitas culturas, esse era um sinal de boa sorte – e achariam ridículo quando se fizesse um pedido.

Vivi suspirava, escutando atentamente cada faixa do álbum de *city pop* que colocara no toca-discos. *Quem iria recebê-lo agora?* Revirava-se na grama. *Um presente pode ser chamado assim se não tem a quem presentear?* Revirava-se de novo. Os dois estavam cientes do risco. Quando decidiram se envolver em uma das guerras que mais havia marcado a história de seu povo, ambos sabiam que poderiam nunca mais ver as estrelas de novo. Vivi queria poder voltar no

tempo. Que se explodissem seus companheiros! Ela queria impedir a dupla uma semana mais jovem de ir ao campo de batalha. Lembrava-se de cada detalhe. Cada explosão, cada flecha lançada. E claro, lembrava-se de quando aquela onda de poder atingiu seu irmão e ele caiu, tendo de ser carregado para fora do fogo cruzado. Não era justo que ela não conseguisse fechar os olhos enquanto não sabia quando os dele se abririam novamente.

Vivi saiu de seus devaneios e reparou que a última música estava sendo reproduzida. Quatro minutos inteiros antes de se retirar para adormecer de verdade em uma cama de verdade. Ou melhor, para encarar o teto de madeira enquanto sua insônia persistia. Entre seu indicador e seu polegar, estava uma fita. Não uma qualquer, mas uma de mensagens holográficas. Ela achou no canteiro de camélias rosas. Ele, com certeza, havia deixado naquele canto de propósito, esperando o momento em que ela fosse regar as flores que ficam embaixo de sua janela predileta. Se ao menos seu conhecimento astronômico ou sabedoria para relações pessoais o tivesse salvado dessa vez...

Enquanto decidia que serviria o chá de camomila em duas xícaras, outra estrela cadente viajou pelo céu, como uma pérola que saiu da costura rolando pelo veludo. Vivi, que a essa altura já estava se levantando para se recolher na casa vazia demais para uma pessoa, fez um pedido, resignada perante a perspectiva de apelar a uma prática tão infantil. Poderia ter pedido para não ficar mais sozinha, ou que um certo alguém melhorasse de saúde e acordasse do coma. Mas não. Em vez disso, enrolou a toalha estendida ao lado do rio, assim como recolheu a cesta com pãezinhos que não tinha coragem de comer sem companhia. Voltou para sua sala de estar, com a vitrola ainda embrulhada e o cabideiro de um casaco só. Enquanto preparava sua ceia e, depois, aninhava-se em seus cobertores, ponderou sobre o imediatismo de seu único pedido:

“Que nós tenhamos bons sonhos.”

Copos de plástico

Bernadete de Lourdes Lopes Yamada

Vieram as amigas naquela sexta feira de julho. Como desejei esse encontro! Preciso estar com pessoas, promover a troca, rir, dizer e escutar levezas. É quase tão necessário como o ar que me cerca. Ainda mais agora, com os anos tantos vividos pesando no corpo e na alma. Unidas, sororidade dançando entre nós, podemos afugentar a solidão e resgatar bons momentos aos quais também tivemos direito: lutas vencidas, o amor inspirando, dando forças.

Comprei copos de plástico para o encontro. Mais práticos, alguém me disse. E havia vinho, essencial para fortalecer a esperança, destravar a voz, a risada, o prazer de estarmos juntas. Mas não se ouviu o som mágico do tim-tim, quando os copos se encontram e os corações vibram. Afinal, os copos eram de plástico....

Ao anoitecer, as amigas se foram, deixando em minha casa a paz. E algum leve incômodo. Faltaram os copos de vidro, apenas isso.

200 anos

Mariana Benite Alves

Preciso de mais uns 200 anos de vida. E antes que você se pergunte, deixe-me explicar: não acredito em reencarnação, vida após a morte ou qualquer dessas ideias que servem para nos fazer acreditar que vamos ter outra chance. Não, para mim, a vida é o que está aqui, o agora, e ponto final. Mas agora, pense comigo, como é que vou conseguir fazer tudo o que eu quero em uns 70-90 anos? (Quem sabe, pois podemos morrer a qualquer momento, não é?).

Quero ser poliglota, não só para fazer uma viagem de negócios ao Canadá ou ver filmes sem legenda; quero ser aquela pessoa que sabe dizer “eu te amo” em vinte línguas diferentes, para que, não importa onde eu esteja, alguém me entenda e assim faça amigos por onde passar.

Também quero aprender a jogar muitos jogos diferentes com um baralho – quem sabe até aprender aqueles jeitos diferentes de embaralhar que parecem tão impressionantes. Também quero ser imbatível no xadrez e frequentar as jogatinas nas mesas da praça, junto aos velhinhos do meu bairro.

Quero abrir um restaurante com o meu nome que brilhe na fachada em grandes letras de LED e que minha única preocupação seja aguardar a avaliação dos grandes críticos de cozinha que por lá passarem. Quero conhecer cafés em todos os continentes, incluindo a Antártida, só para me obrigar a gostar de café gelado.

Quero saber como fazer aquele truque de mágica que ninguém jamais consegue decifrar e levar este segredo para o caixão comigo (como um bom mágico faz). Quero descobrir uma nova espécie de animal, dar um nome bem esquisito e vê-lo ser mencionado em livros de biologia, poderia até aparecer no Guinness Book pela minha descoberta. Quero aprender a construir móveis com minhas próprias mãos, daqueles que duram gerações e meus netos se sintam na obrigação de passar adiante.

Quero aprender sobre tudo o que puder, fazer parte de um clube do livro ou de debate, que discutiremos as teorias mais malucas sobre a vida, o universo e a complexidade humana. Quero construir uma casa na árvore, mas uma dessas que têm energia solar, Wi-Fi e um fogão de indução. E enquanto estou neste lugar, quero escrever um romance daqueles com um enredo bem ruim, mas que faz adolescentes suspirarem de paixão por um dos protagonistas,

ou quem sabe a este ponto já tenha vivido o bastante para escrever uma autobiografia interessante.

Tem tanto que eu quero fazer... Dê-me mais 200 anos, e eu vou querer mais 200.

Sachês de ketchup

Elis Carrara Sampaio

Cheguei em casa cansada e não queria cozinhar, decidi que merecia pedir um lanche para jantar. Hambúrguer vegetariano e fritas. Enquanto comia, me peguei pensando sobre os sachês de ketchup que ficavam na porta da minha geladeira. Eles vinham como acompanhamentos, mas eu nunca usava. Quer dizer, eu sempre gostei de ketchup, mas deixava aqueles ali e quase não jogava fora. Limpava o canto da segunda prateleira e os colocava de volta. Os sachês de ketchup da porta da minha geladeira me traziam segurança, porque eu sabia que, se um dia precisasse, eles estariam ali. Lembrei que conhecia pessoas que colecionavam moedas de várias nacionalidades, que colecionavam revistas do National Geographic, outras que colecionavam corações partidos, e eu colecionava sachês de ketchup. Começou com uma ida a um *fast food* qualquer aos 7 anos, ganhei pôneis de brinquedo com belos cabelos coloridos e alguns sachês do molho vermelho adocicado. Desde então, comecei a guardar os que sobravam. Eram 37. Marcas aleatórias, mesmo que eu tivesse meus favoritos. Já sobre os pôneis eu não me lembro, acho que minha mãe doou para algum centro de caridade lá pelos meus 12 anos de idade. Liguei para minha tia e perguntei se ela também tinha um canto na geladeira com sachês de molhos e ela disse que sim, mas que costumava jogá-los após algum tempo. Acho que todos sempre guardam, a diferença é o tempo em que eles permanecem ali. No fim das contas, não sei por que penso tanto sobre eles. Eles poderiam ser uma metáfora sobre necessidade e comodidade. Mas não, eles não são como uma metáfora, são apenas sachês de ketchup. Esses dias eu cheguei a ler um livro só porque tinha “ketchup” no título, e a história era tão boa quanto o lanche que eu comia. Dei a última mordida engoli a última batata. Eu não penso tanto sobre aquecimento global ou crise do petróleo quanto eu penso em ketchup. E eu nem sei o motivo, afinal, sempre gostei mais de maionese.

Hoje, eu te vi

Ana Beatriz Pompeo Gutierre

Hoje, eu te vi. Não, não o tinha visto antes. Em verdade, estive ao seu lado, ouvi bocados, no entanto, tão somente neste dia, eu te vi.

Retirei da minha mente qualquer ilusão existente sobre sua existência, e te vi. Quebrei os paradigmas, descontaminei meus pressupostos e refiz meus olhos nos seus.

Desse modo, reparei, enfim, nas suas manias. Assisti à sua alegria nítida ao falar sobre seus interesses e memorizei cada nuance da sua face caleidoscópica. Sistematizei as linhas expressivas dos seus olhos, estes, que sorriem consoante à sua boca. Que obra prima esse conjunto somado às colorações do seu cabelo, que modificam com os raios solares, tais, convencionados como aquilo que ilumina os meus dias, entretanto, incomparáveis ao brilho irradiado pela sua presença.

Hoje, tão somente hoje, eu te vi. Como quem assiste às ondas do mar e hipnotiza-se pelo movimento, tornando-se um pouco oceânico. Como sujeito que se torna um pouco objeto. Encontrei a paz na pura identificação de cada detalhe cru da sua concepção.

Hoje, eu te vi como quem vê a mais impressionante paisagem e não tira fotos, não pensa em si, somente aprecia o que está diante dos seus olhos.

Eu trouxe para a minha consciência o máximo que pude dos seus traços. Seria um sacrilégio da minha parte, porém, tentar conceituá-lo, defini-lo em um princípio. Perdoem-me as teorias do conhecimento, porque, hoje, não pude realizar nenhuma abstração. Não há características acidentais na sua construção, isto é, toda e qualquer medida sua é essencial para a continuidade dos meus dias.

Por conseguinte, poderia eu concluir que tê-lo seria, talvez, o melhor acontecimento da minha medíocre caminhada. Contudo, não quero a triste posse do seu ser, não quero enclausurar sua aura. Quero ser mera observadora, para, assim, gostar de você com toda a potência, que só é atingida na falta.

Hoje, eu te vi, e, possivelmente, jamais consiga vê-lo da forma como, hoje, fui capaz. Mas espero vê-lo. Novamente. Quem sabe.

O autoadmirador

Gustavo Nunes Bortolozzo

Como um tumor que se alimenta das minhas memórias ele cresce e se espalha
Aos poucos, o entorno nota, a vida cobra, porém nada o atrapalha
Teseu, ou a amálgama irracional daquilo que nos habita
Aquele pedaço maldito ainda hoje seria eu?
Aos poucos, o grito urge, a mente falha, o nome some, toda cor consome, enfim, a fera ruge.

Um pedaço de mim mesmo que caiu do céu e, de forma vaga, ainda se faz presente
Ou um pedaço do céu que eu julgo ser meu e que, aos poucos, consome toda a minha mente?
Sem destino e sem regresso, o véu fino que entorna todo o processo, vai se tornando o meu
[limitado e único recesso.

Hoje, quando olho no espelho, não enxergo mais nada
Um rosto, um sorriso, alguém
Pra me acalmar, pra me chamar, me segurar, dar sentido, fazer sentido, ser sentido.

Como se aquele maldito tumor tivesse tomado conta de mim
Como num filme de horror cronenberguiano, aquela carne podre e sem calor ou razão.

Pode ser que hoje eu seja uma fração do que um dia fui
Talvez eu seja o maldito espelho
O reflexo que mata Narciso, preso demais divagando sob a miragem, perdido demais
[em busca da forma, tolo demais pra buscar a reforma.

Coceira

Giulia Maia Guimarães

De novo estou coçando e detesto ter que adivinhar qual parte em mim coça

Minha mente parece escolher a dedo lugares impossíveis de se alcançar apenas usando
[a ponta dos dedos

Minha epiderme coça, arde, avermelha-se, e passa a confundir-se com o avesso, em carne viva
Deixando apenas a certeza das marcas

As marcas deixadas pelas unhas, da luta contra mim mesma

Na tentativa de trazer o mínimo de alívio enquanto descamo cada centímetro da inquietação
[correndo por entre o tecido da minha pele

Só porque está coçando não significa que está sarando

Só porque está coçando não significa que está piorando

Devo engolir comprimidos para a coceira passar?

Devo sentir na pele a pomada para que venha a sarar?

Devo cobrir-me de band-aids até que seja a hora certa de retirar?

E como deveria retirar? Arrancando com tudo? Indo aos poucos?

Lavando em banho morno levando junto à água toda a mágoa enterrada ali de antemão?

Seja como for, volta e meia sei que estarei coçando de novo, de novo e de novo.

O Rei Rato

Guilherme Cruvinel Fonseca Maia

Pedindo perdão tão exaustivamente
fazendo o sentido perder-se ao trato
Perde-se, magoa, continua ingrato
Desista, nada será o suficiente

Quiçá? Seria um maltrato ou sensato
Tomar a ampulheta e roubar a areia
Assumir o trono do império de poeira
Não chore agora, admita, já é o Rei Rato

Uma amálgama infeliz e doente
Sua gentileza nunca o coubera
Agora acatou algo que não o pertence

Num oco esforço de caça à quimera,
de livrar os outros ratos da dor,
o Rei Rato a suporta, indigente

Sobre a solidude

Mariana Benite Alves

eu não sei em que momento
passei a ter medo da solidude
acho que nasci assim
com medo da própria sombra

para alguns
a sensação de estar só
pode ser libertadora
calma como a maré tranquila

mas sempre fui diferente
como se as ondas me puxassem
logo eu
que não sei nadar
afundaria devagar

meus pés me deixariam na mão
desesperadamente
mas tão silenciosa
afundaria
vendo a luz se tornar distante
ao estar tão longe da superfície
meu fôlego acabaria aos poucos
até que tudo se tornasse breu

essa sensação vive comigo
como um velho amigo
como se acolhesse minha asfixia

mas é quando as luzes se apagam
e os cobertores não me confortam mais
é essa a hora
em que o silêncio
parece ser mais barulhento

não sei quando
eu passei a ter medo da solidão
mas ela tem me parecido
cada vez mais assustadora

hoje em dia
não temo mais o bicho papão
embaixo da minha cama
acho que era só uma fantasia
pro momento
de ter minha própria companhia

afinal ter medo de algo
é mais reconfortante
do que ter medo de si mesmo.

It's kinda strange to fall in love

Gabriel Del Roio Salema Palma

It's hard to admit you're in love with someone. But it's harder to explain how that all ended.

Our relationship was never easy. When we first met, there was a shared silence in a room filled with both of us. He is a friend of a friend from another city, so he keeps coming and going once a month. Our first kiss was on my birthday, it was something that I cannot explain, the feeling that I felt was unimaginable. But he left me in the middle of it. Questions kept on coming, "What did I do wrong?" -- but did I do something wrong?

Until today I do not understand how things worked out between us. At that moment we did not talk at all. It was only after Carnaval's week that we began having a conversation — the least he could do after causing me all the anxiety he did when he said "I don't know... not today.", when my friend asked him if he would kiss me that night. After that week we talked everyday, all day. From morning till late at night. I discovered things that he liked that I would never ever think of. And he discovered things about me that were completely different from what he believed in. I discovered his wishes, and he discovered my biggest fears. I started liking different things and he did too — at that moment it was confirmed I was feeling something. However, if anyone asked, that would be denied, that would be the last thing I would ever say... or accept... I would rather say.

One month later we were back together again. He was in my house. Before we kissed, he started saying something. Things that I would prefer not to have listened to. "You know, I like boys, I prefer boys, I enjoy kissing them, but I think I'm not like this, I'm confused, I'm thinking a lot... I really like you, but I don't know...", he was drunk, and I was focused on trying to make sense of all of that. After that, he kissed me, he did not stop trying to kiss me — Was he telling me the truth? Was all of that just a crazy moment? Did it actually happen? Well... I remember kissing him that day, so I think it did happen.

We went to a party later that day. "Hey, I want to go to the bathroom, can you come with me?", he asked. We were with all of our friends, and I did not want to separate from them, because if we did, we would not find them again. "Yeah, sure". We went, I waited out, he threw up. He barely stood up. I carried him out and tried to find our friends that were not where we agreed to be. He could not stand up, I could not find my friends, I bought him food,

drink, trying to make him feel better. He sat on the floor. He slept where he sat. And I gave up. There I was, sitting beside some guy that could not think of anything — at that moment I think I realized what he told me before that day... I was sobbing, my heart was racing faster than the beat of the music I was listening to. It was dark with flashes of lights enlightening the place. I was trying to find someone that I knew, but I could not see. After one hour, all that I wanted was to pee. But how would I leave him there? How could I leave him there? Half an hour later, one of my friends found us — I hugged her and cried. The moment I came back from the bathroom he was fine, talking and drinking soda. The next thing I remember was him trying to talk to me, to remember what he said. I told him some of the things. It was really funny playing with him at that time — it's kinda weird to see how I felt at the moment. But the next day he was gone... again. Even after that, we kept talking. But this time it was more than ever.

It was July already, two months have passed since the last time we saw each other and our daily conversation was not over. We were planning for him to come back for weeks now, I was making a barbecue with my friends. He arrived and I picked him up at the bus station. We went home. He was going to stay there that night. But it changed when we went out later that day. "I'm straight". That was all that I remembered from the conversation we had with our friends. And he chose not to sleep at my house. Next morning we went to the lake. He made sure to tell everyone he was not into guys anymore — mostly when I was around — that it was all a misunderstanding from his mind. "I wasn't cured, it was just a phase", he said. After that we had lunch. We were having pasta all together. We were twelve. He was by my side. He was talking about something. He stood up. He punched my face.

"How did it end?", they asked. I don't know. Our friend punched him. He tried to talk to me, but I did not answer. After that there was no more conversation. Next day I cried and he left — for the last time.

Today, if I could rewrite my story, I would take away the part you caused all of the fears that I once told you I had.

Hometown

Rafaela Delpasso Godoy Sampaio

i wish i could stay in july
instead of moving on with my year
for the people i love most
are far away from here
in my hometown
there's not much to do
yet
there's much to love
my entire life was made
there
all the people i love most are
there

(and i'm
here)

i read a book yesterday
the boy said
"sometimes i feel lost"
his friends said
they feel lost too
his friends said
"but we love you
and love brings you home"

i realized home is not a place
it's more like a feeling
a light that warms up your chest

when you need it the most
it's somewhere
(or someone)
you can always
come back to

it's been a while since i last saw
the people i love
the most

we came all from the same place
from the same town
now we're all living apart
away from
one
another
but whenever we
talk
we realize we are all still
here (there)
whenever we
love
we all come back
home

i'd rather stay in july
for in july i come back
home

i'd rather stay in july
for in july i come back to

love

for love always brings us

home

for love always takes me back

to july

Ghoul

Giovanna Rodrigues

Intrusive thoughts

Whispering in my ears

Why do they always know

That there's no one near?

Even though it's temporary

This crippling ghoul

Drowning me out so ordinarily

Am I this kind of fool?

The kind of fool that let it win over me

The one that's so tired that can't compete

The one so persuaded to don't

That there's absolutely nowhere else to go

Pardon me the discomposure,

But could you at least help me out?

It's a selfish bother, mediocre,

Even loud.



Livro digital confeccionado em setembro de 2024 pela Faculdade de Letras
da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)